

EM DEFESA DOS YANOMAMI

Os Yanomami são 6,7 mil, vivem em Roraima e são encontrados também na Venezuela. Há 9 anos, o padre João Saffirio e o missionário Carlo Zacchini fundaram a Missão Catrimani e iniciaram a preparação desses índios para o encontro inevitável com nossa civilização. Uma civilização que se aproxima através do Perimetral Norte, que traz progresso, mas sarampo e gripe também. Há uma semana, o presidente do Funai, general Ismarth de Araújo, foi visitar a missão e surpreendeu-se com o que viu: índios doentes, nus, que não falam português, nem trabalham produtivamente. Aqui eles se defendem e são defendidos pela fotógrafa Cláudia Andujar, que conhece os Yanomami e o trabalho da missão. São dela as fotos desta página.



Será que queremos manter a dignidade dos índios e a nossa no caminho do desenvolvimento? (C. Andujar).

São 6,7 mil Yanomami, vivendo como seminômades, entre o Brasil e a Venezuela. Cada aldeia reúne cerca de cinquenta índios. "Uma vida para nós monótona", diz Cláudia Andujar. Levantam com a luz do dia e saem em busca de caça, preocupação constante. E não é uma caça fácil porque eles vivem na mata fechada. As mulheres fazem a roça, que tem muitos tipos de mandioca. Homens e mulheres co-

letem bananas e frutas do mato. A caça é, por sua vez, de aves, pacaas, queixadas e macacos. Quando chega a época da festa, todos se despojam pelos matos: homem, mulher, papagaio, panelas. Fazem longas caminhadas durante o dia e repousam à noite no abrigo que erguem — a tapiri, coberta com folhas de bananeira. O padre João, que vive com os Yanomami, rezava todas as noites uma missa na selva. Mas é uma oração solitária. Nenhum índio a assiste,

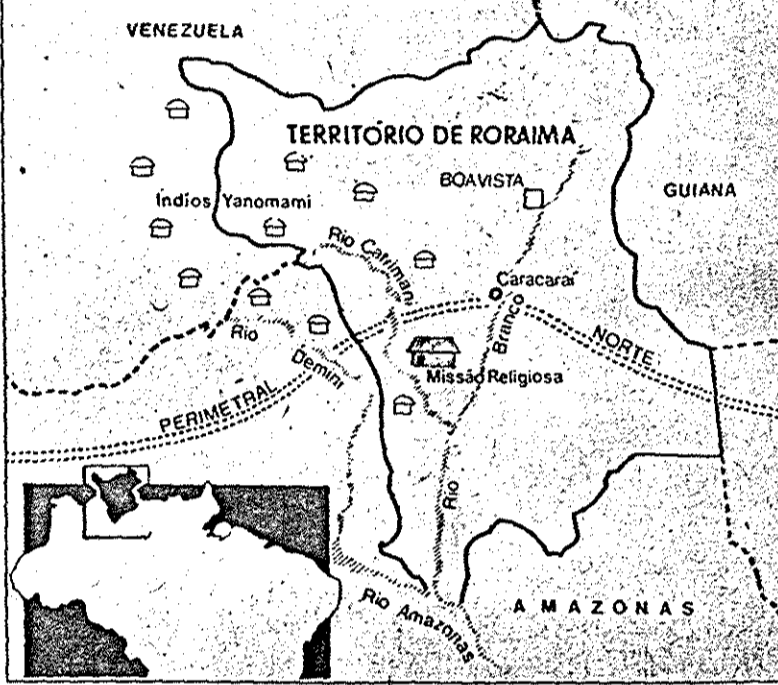
porque os Yanomami têm o seu próprio mundo espiritual. Não há propriamente um Deus no mundo Yanomami, repleto de espíritos ligados à natureza. A mitologia dessa tribo abrange histórias ligadas à criação do mundo. Segundo eles, no começo do mundo, não existiu a figura da mulher. Depois o homem criou a mulher. Estes personagens, os primeiros homens, ainda estão muito jovens na tradição Yanomami: eles nunca morreram,

estão ainda nas selvas. As vezes eles são considerados meio-bichos, meio-homens. Há também uma figura muito parecida com o lobisomem. "Bitem ainda que no começo do mundo existiam duas luas: uma delas caiu. O Universo compreendia três luas, mas não ficou nada parecido com a nossa. Com Terra e Inferno. São três luas paralelas que funcionam ao mesmo tempo, um como espelho do outro. Cada lua tem, para os Yanomami, um

o seu rixi, ou alter-ego. Este rixi é geralmente um bicho (o papagaio, de um bando de papagaios, por exemplo) ou planta, que vive paralelo com a pessoa. Quando o homem nasce, nasce o seu rixi. Quando ele adoece, o rixi adoece. Quando ele morre, o rixi morre. Alguns feiticos são feitos para matar o rixi, porque matando o rixi, morre o homem. O homem nunca pode ser feliz enquanto o rixi não estiver morto. Cada indivíduo, para os Yanomami, tem



Uma Yanomami: a alegria da vida longe da civilização.



A Perimetral está chegando, passa a poucos quilômetros da Missão Catrimani. Aos Yanomami pode restar apenas a fuga para a Venezuela, em busca da paz e da caça que foge do homem.

O general vê os índios e não gosta.

...eles andam nus, não falam português, estão doentes. Há uma semana, no dia 21 de março, o presidente da FUNAI, general Ismarth de Araújo, visitou a Missão Catrimani e, segundo jornalistas presentes, criticou a forma como os missionários tratam estes índios Yanomami de Roraima. — Isto é uma imundície, uma vergonha — teria sido a primeira reação do general ao ver uma maloca. O general também criticou, segundo os relatos publicados em alguns jornais brasileiros — o fato de os índios "andarem despidos" e não falarem o português, "apesar de 10 anos de contato com a civilização". O general não gostou, também, de os índios "não serem produtivos". Os relatos da visita do general à aldeia Yanomami levaram o coordenador do Projeto Perimetral-Yanomami, da FUNAI, Kenneth I. Taylor

e o padre João Saffirio, que trabalha na aldeia, a redigir um documento explicando a situação do tribo. "No dia da visita do presidente da FUNAI — afirma o documento — havia alguns índios doentes na missão. A situação dos índios, de fato, é que estão atualmente em convalescença de um duplo surto de gripes e malária. Essa recuperação é o resultado da assistência médica prestada pela missão (...). Até março de 1974, a missão prestava 150, 200 atendimentos médicos por mês. Com a chegada das primeiras turmas de trabalhadores da Perimetral Norte, em abril de 1974, os atendimentos subiram para 450-500 por mês. Nos últimos doze meses, os índios sofreram 11 surtos de gripe, um de sarampo, e a incidência de malária vem aumentando consideravelmente".

O documento afirma, ainda, que "é falso o



O irmão Zacchini, da missão Catrimani.

relato publicado em alguns jornais de que se notou quase total desassistência àqueles índios: a construção da nova maloca é um fato por si mesmo altamente positivo, mostrando que no caso da aldeia junto à missão (o que, aliás, não pode se dizer de outros grupos Yanomami, ao longo da aldeia, apesar do impacto extremamente desorientador da Perimetral Norte, só três quilômetros distante da aldeia, o grupo está coeso, unido e em condições de continuar com essa tradição cultural tão fundamental ao seu bem-estar".

Sobre a questão da agricultura dos índios, o documento afirma: "ela é, para estes índios, como para todos os Yanomami, de grande importância para sua alimentação. Eles preparam com bastante trabalho e dedicação roças grandes onde, depois plantam e cuidam de bananas, mandioca, pupunha, tabaco, algodão, etc., e cultivos novos introduzidos pela missão, tais como cana-de-açúcar, mamão, limão, laranja, abacaxi e goiaba".

No que diz respeito à criação de animais — afirma Kenneth Taylor e João Saffirio, que "desde o começo da missão tentamos criar galinhas e porcos e tem incentivado os índios a também criar esses animais. Porém eles ainda consideram animais domésticos como de estimação e não para alimentação".

O bispo de Roraima, dom Servílio Conti, enviou uma carta aberta ao jornal "A Crítica" de Manaus, "lastimando a completa falsificação do trabalho desenvolvido pela missão entre os índios Yanomami.

CLÁUDIA VÊ OS ÍNDIOS COMO SERES HUMANOS

"Conhecendo os índios, seus valores, os valores de uma cultura diferente, poderia me entender melhor". Por isso, Cláudia Andujar tem hoje 18 anos de experiência e vivência com os índios brasileiros. Conhecendo os Bororo (BT), os Xicriá (PX) e, há quatro anos, os Yanomami. Cláudia Andujar é fotógrafa, húngara, chegou ao Brasil em 55. Antes de fotografar, pintava, e havia trabalhado durante dois anos na sede da ONU, em Nova York, onde era guia-conferencista, em três línguas (inglês, francês e húngaro). A noite, cursava Psicologia. Veio para o Brasil em 1955 e logo manteve contatos com antropólogos cientistas, pessoas interessadas na cultura indígena. Seu primeiro contato com os índios aconteceu na Ilha de Bananal, em 57. Viu os Carajás, mas nunca teve por eles, ou por qualquer outra cultura indígena, um interesse estritamente científico. — Aproxime-me deles por interesse humano. No meio dos índios, Cláudia cuida dos doentes, "faz de tudo". Em 58, ganhou a Medalha Marechal Rondon, da Sociedade Geográfica Brasileira, pelos serviços prestados à nossa cultura indígena. Em 73, ela fez para o governo brasileiro um audiovisual



Cláudia: além do interesse científico.

"O Homem da Hilea" que foi apresentado na Feira Brasil-Export de Bruxelas foi um trabalho sobre os Yanomami. Atualmente, faz trabalhos fotográficos para entidades culturais. Seu principal trabalho sobre a cultura indígena brasileira foi o que realizou com a bolsa da Fundação John Simon Guggenheim, uma entidade norte-americana apolítica, puramente cultural. Tem fotos em vários museus internacionais.

"General, peço que reconsidere..."

A fotógrafa Cláudia Andujar apresenta seu apelo ao presidente da Funai

Dia 25 de março, Cláudia Andujar leu no Estado de S. Paulo o artigo "Funai pode punir missão religiosa". Como conhece a missão, o trabalho que ela realiza, e os Yanomami, resolveu fazer este depoimento e este apelo à Funai: "As denúncias contra a Missão Catrimani, pelo seu conteúdo ambíguo, me atingiram profundamente, por razões que tentarei explicar. Devemos encarar os problemas de desenvolvimento do Brasil como um fenômeno histórico de nossos tempos de grande avanço tecnológico. O resultado deste desenvolvimento só o tempo e a história vão julgar. Como observa o antropólogo Levi-Strauss, nós vivemos "em tempos de culturas paralelas", não de culturas "civilizadas e primitivas". Cada uma destas culturas tem seus valores humanos e estruturais. Cada sociedade tem seus direitos de sobrevivência. A história nos demonstrou que muitas culturas, por uma causa ou por outra, desapareceram, se extinguíram através dos tempos. Talvez seja o destino desta nossa cultura milenar que convive conosco no século XX — a cultura indígena brasileira. Essa cultura será absorvida por uma mais potente tecnologicamente. Resta saber que caminhos e opções ela tem. Será que queremos manter a sua dignidade e a nossa no caminho do desenvolvimento? Será que vamos respeitá-la? Será que vamos favorecer as opções que o ser humano deve ter para escolher seu próprio caminho? Mesmo se uma

sociedade, como a dos índios, é destinada a ser absorvida pelo mundo tecnológico, cada indivíduo dentro desta cultura tem o direito de desenvolver para alcançar o nível moral e intelectual que lhe faculta optar pelos valores que ele deseja alcançar. No momento de esforços gigantesco podem ocorrer mal-entendidos e atritos; uma briga por causa de formas de interpretação ou de interesses políticos e econômicos contraditórios, etc. Neste momento confiante, temos a obrigação de manter o equilíbrio e o respeito, apesar de interesses de poderes contra poderes. Parece-me que é o caso da Missão Catrimani. Encontrei os dois missionários responsáveis pelo trabalho paciente e progressivo em favor do desenvolvimento do índio Yanomami. Isso há quatro anos, quando recebi uma bolsa de estudo fotográfica que pedi à famosa fundação Guggenheim, dos Estados Unidos. Pedi também, como consequência, permissão à Funai para trabalhar entre os índios. Essa bolsa, pouco conhecida no Brasil, é dada para pessoas que apresentem um projeto de trabalho com finalidade humanística. Isto é, um trabalho que seja benéfico ao desenvolvimento do ser humano. Pouca gente no Brasil recebeu essa bolsa. Pessoalmente, conheço alguns nomes: o sertanista Orlando Villas Boas, o cientista Paulo Vanzolini, a fotógrafa Maureen Bisilliat. Minha

proposta e meu objetivo foram os de retratar o índio no seu ambiente natural, como ser humano; homem pouco conhecido e pouco entendido fora de seu mundo. Sem dúvida, o retrato que faço dele é uma visão particular minha, com toda a bagagem cultural que trouxe comigo da Europa, dos Estados Unidos e dos 20 anos de vida no Brasil. Para mim, e espero que para os outros, este trabalho representará um depoimento sobre um povo diante não só do presente, mas do futuro. Répito, esse trabalho não tem finalidade imediata, nem conotação política, mas é um esforço para, através da minha visão, oferecer aos outros um conhecimento dos valores de uma cultura diferente. Neste trabalho, quem me acompanhou mais de perto foi o irmão Carlo Zacchini. Ele deve ter me observado como eu o observei; ele entendeu meus propósitos como acho que entendi os seus. Durante os meses de trabalho em que passamos juntos, sua relação com os Yanomami ficou evidente: as intenções eram de ganhar a confiança do índio de homem para homem, de ajudá-lo nesse caminho difícil que é achar sua identidade e respeito próprio, ao entrar em contato inevitável com a nossa cultura. Sua relação com os Yanomami nunca foi paternalista, nem se tentou catequizá-lo ou impor a nossa cultura como valor único. Falar da nudez como atraso cultural é um

absurdo. A roupa é uma comodidade, só pode ser cômoda se o indivíduo que a usa tem conhecimentos de higiene e a possibilidade de praticá-la. E o que acontece se o valor de higiene do índio é simplesmente diferente do nosso? O índio convive com a natureza nesse mundo amazônico com a maior naturalidade e harmonia de que somos incapazes. Por que é que nós não podemos aprender com ele o segredo dessa simbiose, em lugar de tentar impor valores estranhos a sua cultura, como o vestuário de origem europeia? E mesmo, para nós, será que a roupa europeia é o ideal nas condições climáticas da Amazônia? Essa consideração é meramente um exemplo, entre muitos outros, como o problema habitação, comida, equilíbrio ecológico no clima equatorial, etc. O primeiro esforço para um entendimento recíproco é o de aprender a língua que o Yanomami fala. Através desse aprendizado, se começa a entender sua maneira de pensar. E natural que tanto o irmão Carlo Zacchini quanto o padre João Saffirio colocaram mais ênfase em aprender o Yanomami, do que em ensinar o português. E as vezes até nove anos de convivência é pouco para dominar uma língua, isso sem falar em compreender o homem. A Missão Catrimani é uma missão pequena, com poucos recursos financeiros. Na maior parte do tempo, os dois missionários trabalham sozinhos. Tudo está para ser feito. Desde a enferma-

gem, ocupação integral em si, até a procura da comida, a caça, a pesca. O desenvolvimento de um sistema de trabalho de roça, onde o índio aprendeu o "nosso" valor de trabalho (a palavra trabalho não existe na língua Yanomami, conforme o antropólogo Jacques Lizot), através de cartõesinhos depositados no chamado "banco", conferiu ao trabalhador a possibilidade de, posteriormente (pela troca com os cartões), ser remunerado com objetos utilitários, como facas, machados, terçados etc. Esse "banco" é um esforço de preparação do Yanomami no sentido de que não venha a mendigar, como acontece com tantos grupos indígenas que entram, sem preparo, "a contato com o nosso mundo tecnológico". É uma tentativa de encaminhar o Yanomami ao encontro do desenvolvimento de nossa sociedade. Enfim, aos meus olhos, a Missão Catrimani sempre foi um exemplo de trabalho para alcançar com dignidade e humanismo a fusão da nossa cultura com a do índio. O trabalho do irmão Carlo Zacchini é um exemplo positivo e de grande valor humano. Sr. presidente da Funai, Ismarth de Araújo, peço-lhes reconsiderar suas observações a respeito da Missão Catrimani e sobre o irmão Carlo Zacchini. Sou pessoa apolítica. Mas isso não me impede de lutar sempre pelos direitos da dignidade do ser humano e de sua individualidade.